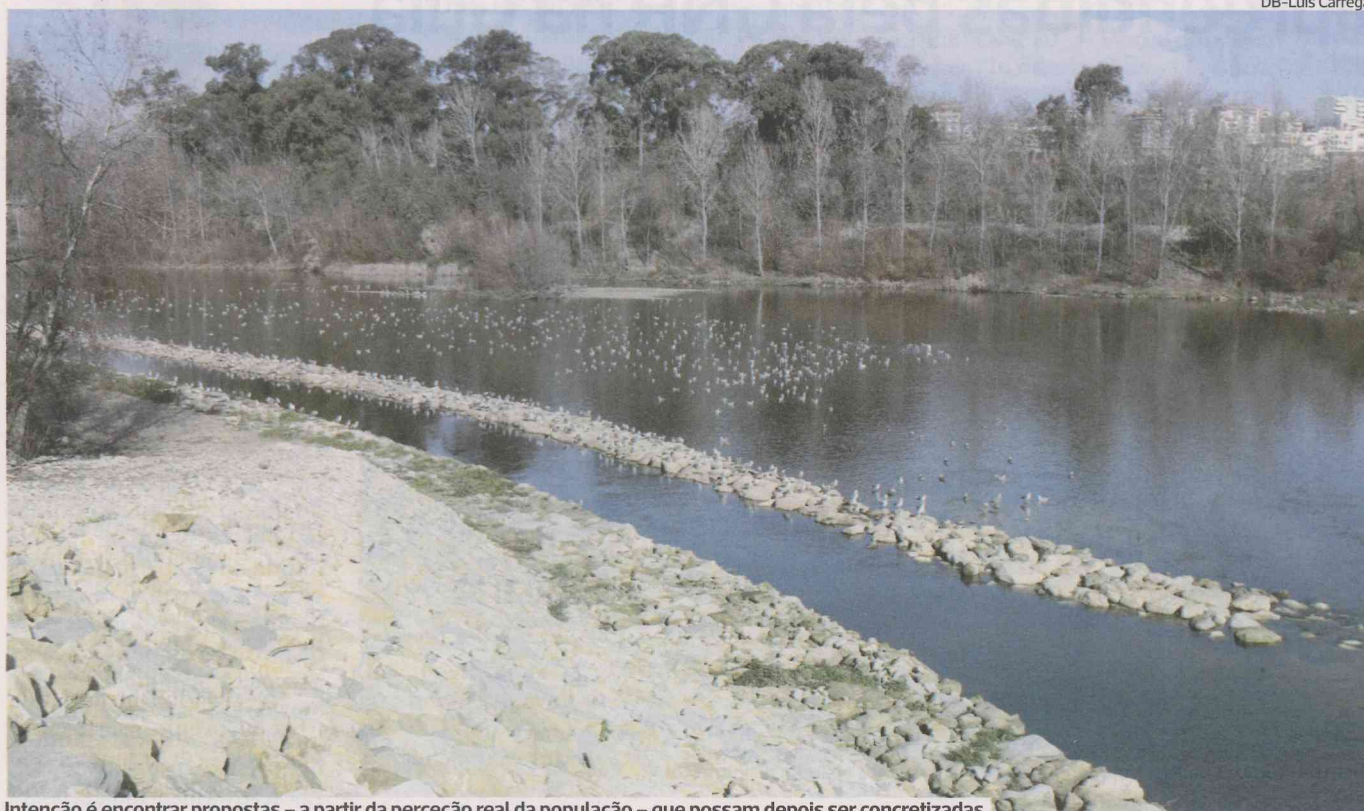


A água como património

DB-Luis Carregá



Intenção é encontrar propostas – a partir da perceção real da população – que possam depois ser concretizadas

Projeto europeu ajuda a encontrar propostas para margens do Mondego

A acompanhar Coimbra, estão Lille, a região do Delta do Pó e a Universidade de Bucareste com o Danúbio

●●● As cidades e os seus rios. O tema, por si só, é de interesse mais que evidente, sobretudo se o que motivar o estudo forem as relações muitas vezes conflituosas e outras tantas redentoras. Que o diga a história secular de Coimbra e do “seu” Mondego. Mas, no projeto em causa – “A água como património” – financiado pelo Programa Cultura e a envolver quatro cidades/regiões europeias, o que se pretende é fazer o diagnóstico de problemas na relação das populações com os seus rios, que podem ou não ser comuns, e encontrar-lhes solução.

Ao DIÁRIO AS BEIRAS, Paulo Peixoto, investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, no Núcleo Cidades, Culturas e Arquitetura, esclarece que as quatro cidades/regiões com os seus rios – o Danúbio, na Roménia, Lille, em França, a região do Delta do Pó, no norte de Itália e Coimbra –, estão a trabalhar em conjunto, ligando uma área mais académica a uma intervenção mais institucional.

No caso de Coimbra, sublinha o responsável e coordenador do projeto em Coimbra, através da parceria com a câmara muni-

cipal, para além das restantes entidades que colaboram ativamente em todo o projeto: alunos de Geografia das escolas secundárias D. Duarte (Coimbra) e Cristina Torres (Figueira da Foz), alunos do curso de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, alunos da licenciatura em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e alunos do Programa de Doutoramento Democracia no Século XXI, do CES.

As populações e os seus rios

Para Paulo Peixoto, a intenção é envolver os diversos alunos no diagnóstico de problemas e questões relacionados com as zonas ribeirinhas, “tentando perceber o modo como as populações usam o rio, como o percebem e o que nessa relação tem mudado ao longo da história”. Parte desse trabalho já se fez presente na “rua”, com o inquérito à população de Coimbra desenvolvido no último sábado.

Depois de um primeiro seminário na Roménia, irá decorrer em Coimbra, a 12 e 13 de fevereiro próximo, um encontro onde será apresentado o resultado deste inquérito e ainda os

trabalhos dos alunos desenvolvidos em diversas áreas.

A título de exemplo, os alunos de Sociologia – da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra –, estão a desenvolver e tratar os inquéritos. Os alunos de Arquitetura – da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra –, na cadeira de Projeto, já fizeram em Coimbra e estão agora a fazer na Figueira da Foz, propostas de intervenção arquitetónica e urbanística relativamente às margens do Mondego. Aos alunos de design e artes foi-lhes lançado o desafio – em conjunto também com o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra – de imaginarem um “rio voador”, sem margens.

Os trabalhos que resultarem desse desafio serão apresentados numa exposição no Museu da Água de Coimbra, de 14 de fevereiro a 11 de abril.

Mas o projeto está ainda a envolver alunos do ensino secundário, que tentaram perceber e traduzir em trabalhos realizados no Baixo Mondego, o impacto da política agrícola comum: como é que hoje se faz uma agricultura sustentável? Como é que se lida com os lagostins e com as cegonhas, fa-

zendo a cultura do arroz, mas numa perspetiva sustentável?

Todos os trabalhos estarão disponíveis na página net do projeto – www.ces.uc.pt/epat –, disponibilizando a informação recolhida e trabalhada, “numa espécie de fundo de recursos pedagógicos que é muito importante”.

No final, destaca Paulo Peixoto, serão produzidos cartazes, relativos às quatro cidades/regiões envolvidas, mostrados numa exposição que circulará internacionalmente.

Após o seminário em Coimbra, em fevereiro, seis alunos portugueses irão a Lille (onde estarão alunos de cada uma das quatro cidades) a apresentarem e a debaterem as suas propostas. O objetivo, garante o responsável, “é envolvê-los como produtores desta reflexão sobre os seus rios e os seus territórios”. Depois, espera-se que os poderes públicos estejam interessados em levar à prática alguns destes projetos desenvolvidos num percurso que pretende contribuir para um reconhecimento comum dentro da Europa.

Lídia Pereira
lidia.pereira@asbeiras.pt

p&r

Paulo Peixoto,
coordenador do projeto
“A água como património”

Ouvir populações
e diagnosticar
os problemas



1 Que projeto é este a envolver quatro cidades/regiões e rios da Europa?

O projeto “A água como património” está a desenvolver-se no âmbito do Programa Cultura da União Europeia, envolve cidades e rios de França, Itália e Roménia, para além de Coimbra, com o Mondego. Estamos a trabalhar em conjunto, envolvendo alunos, com a intenção de diagnosticar problemas na relação das populações com os seus rios.

2 O que é que resultará deste diagnóstico?

Do diagnóstico resultará um conjunto de propostas de intervenção para as margens de cada um dos rios e das suas respetivas áreas ribeirinhas. Nós, em Coimbra, estamos a trabalhar em duas escalas: entre pontes (a Ponte do Açude e a Ponte Rainha Santa) e até à Figueira da Foz, numa espécie de escala macro que acompanha o Mondego até ao mar.

3 Qual é o envolvimento dos alunos neste projeto?

Os alunos envolvidos – do ensino superior e do secundário – estão a trabalhar, com os respetivos professores, fazendo o que habitualmente fazem, mas aqui numa perspetiva integrada. Isto é, os alunos estão a integrar os diversos tópicos das suas aprendizagens em trabalhos dirigidos, nas áreas da sociologia, da geografia, da arquitetura, mas também do design e das artes.